



POR QUE AMAMOS O
FIM DO MUNDO?



MATHEUS PRADO

oi@matheusprado.com.br

@omatheusprado



- Formação em **Comunicação Social** (UniFasipe)
- Pós-graduação em **Cinema** (Estácio)
- Pós-graduação em **Linguagem Audiovisual** (Estácio)
- MBA em **Marketing e Branding** (Descomplica)

- Formação em **Direção de para Cinema e TV** pela Escola Britânica de Artes Criativas e Tecnologia (EBAC)
- Formação em **Direção de Fotografia** pela Academia Internacional de Cinema (AICTv)

PRADO



O FASCÍNIO PELO FIM

PRADO



O fim do mundo é uma das narrativas mais antigas da humanidade. A **Epopeia de Gilgamesh**, um dos mitos mesopotâmicos mais antigos do mundo (c. 2100 a.C.) já mostrava a civilização sendo quase **extinta por um dilúvio**.



Segundo o antropólogo **Claude Lévi-Strauss**, o apocalipse serve como metáfora da crise e da renovação:

Os mitos expressam e resolvem contradições sociais profundas, permitindo à sociedade lidar com o inaceitável.

No livro **Simulacros e Simulação**, de 1981, o filósofo **Jean Baudrillard** afirmou que o fim do mundo é um artefato cultural inevitável, renovado em cada geração:



Estamos fascinados pela morte e pela catástrofe porque elas são a única certeza em um mundo saturado de incertezas.



SIMULACRA
&
SIMULATION

Simulacros e Simulação aparece em **Matrix**, de 1999



O **Apocalipse de João**, último livro do Novo Testamento da **Bíblia**, descreve a destruição do mundo não como um fim absoluto, mas como a preparação para a "Nova Jerusalém". A mesma lógica aparece no **Ragnarök**, da **Mitologia Nórdica**, onde após a batalha final e o colapso dos deuses, o mundo renasce verde e fértil.



Apocalipse bíblico, por Dudu Torres

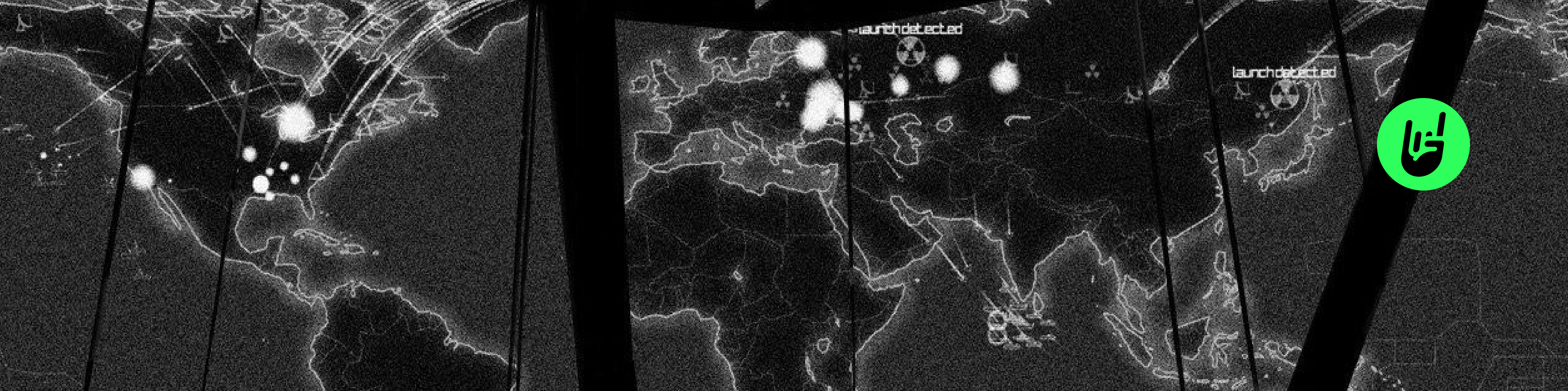




A partir do século XX, o apocalipse religioso começa a ser substituído pelo **apocalipse científico**. Ameaças como o **holocausto nuclear** e as **mudanças climáticas** substituem a ira divina pelo risco humano. E depois da **Guerra Fria**, o cinema popularizou o apocalipse como um grande espetáculo.



O dia em que a Terra parou, de 1951



Dr. Fantástico, de 1964



O Dia Depois de Amanhã, de 2004



Mad Max: Estrada da Fúria, de 2015



Mas por que nós consumimos avidamente histórias sobre o colapso? A psicologia explica pelo conceito de "safe scare", a busca por emoções intensas em ambientes controlados. No livro **The Philosophy of Horror**, de 1990, o psicólogo Noel Carroll defende:

O prazer estético do horror vem precisamente do domínio da ameaça, e não da sua concretização.



As narrativas apocalípticas também funcionam como críticas sociais disfarçadas. **The Handmaid's Tale** (1985) de **Margaret Atwood** propõe que a distopia não é um futuro distante, mas uma extrapolação de tendências reais. A autora afirmou: **Não escrevi nada que já não tenha acontecido em algum lugar.**



The Handmaid's Tale, de 2017



Curiosamente, o apocalipse raramente é absoluto. Sempre há sobreviventes e uma possibilidade de reconstrução. Em **Filhos da Esperança** (2006), o nascimento de uma criança representa esperança num mundo infértil. O diretor **Alfonso Cuarón** declarou: *A esperança é a última resistência possível frente à barbárie.*



Filhos da Esperança, de 2006



Filhos da Esperança, de 2006



Filhos da Esperança, de 2006



A FICÇÃO MOLDA O MUNDO OU É MOLDADA POR ELE?

PRADO



Entender essa questão é a chave para entender o fascínio pelo fim do mundo. A tradição clássica reconhecia **a arte como um espelho da sociedade**. Para Aristóteles, "a poesia é mais filosófica e mais séria que a história, pois expressa o universal, enquanto a história expressa o particular". A ficção, nesse sentido, captura as estruturas profundas da experiência humana, **refletindo nossos valores e dilemas**.



Este caráter reflexivo da ficção é evidente em distopias, que ecoam os medos sociais: **1984** de **George Orwell** não criou o medo do totalitarismo, mas o tornou palpável. Dessa forma, **toda distopia é uma utopia falha** e uma reflexão sobre o presente.



1984, de 1984



E ao mesmo tempo em que a arte reflete a sociedade, ela também pode transformá-la. No livro *The Stories We Tell*, de 1998, **George Gerbner** diz que as exposições contínuas a determinadas narrativas moldam percepções sociais:

Quem conta as histórias de uma cultura, governa o comportamento e o pensamento dessa cultura.





A febre do **Bebê reborn** em 2025



Muitas inovações tecnológicas nasceram primeiro como ficção. O **celular**, por exemplo, foi inspirado pelo communicator da série Star Trek (1966). O engenheiro **Martin Cooper**, criador do aparelho, reconheceu essa influência em uma entrevista para a BBC, dizendo que foi da ficção que tirou a ideia de que poderíamos nos **comunicar sem fios**.



Martin Cooper, inventor do celular



Star Trek, de 1966



Não existe resposta binária quando tentamos definir se a ficção molda ou é moldada pelo pensamento humano. Como resumiu **Ray Bradbury**:

A ficção científica é uma tentativa de prevenir o futuro, não de prevêê-lo.



SÍNDROME DE FRANKENSTEIN:

por que sempre vemos a tecnologia e as IAs como inimigas?

O medo de que nossas criações tecnológicas possam escapar ao nosso controle remonta a **Frankenstein**, livro de **Mary Shelley**, de 1818. Mas vale destacar que a **criatura de Victor Frankenstein não é maléfica por natureza**: torna-se um monstro pela negligência do criador. Falando sobre a obra, Shelley escreveu:



Aprendi que o criador deve cuidar de sua criatura, ou ele próprio será destruído por ela.



Frankenstein, de 1931



O conceito de **Singularidade Tecnológica**, popularizado por **Ray Kurzweil**, descreve o momento hipotético em que a inteligência artificial ultrapassará a inteligência humana, gerando mudanças irreversíveis. Esse cenário alimenta ansiedades profundas sobre a possibilidade de sermos substituídos ou dominados por **entidades que criamos, mas não compreendemos totalmente.**



O uso crescente de **deepfakes**, **algoritmos de manipulação comportamental** e **sistemas autônomos de armas letais** (LAWS) ilustra como algumas das mais temidas ficções já se materializaram. A própria **OpenAI**, criadora do GPT, alertou que desenvolvimento irresponsável de IA pode criar **riscos catastróficos para a sociedade**.



Desde **HAL 9000**, em **2001: Uma Odisseia no Espaço** (1968), até **Skynet**, em **O Exterminador do Futuro** (1984), as IAs são frequentemente representadas como vilãs que se rebelam contra seus criadores. Esse padrão narrativo persiste e molda o imaginário social. Dessa forma, o temor em relação às IAs deriva, em grande parte, **da projeção dos traços negativos da humanidade nas máquinas que criamos.**



O Exterminador do Futuro, de 1984



- **Samantha**, de **Ela** (2013)
- **Ava**, de **Ex Machina** (2014)
- **Roy Batty**, de **Blade Runner** (1982)
- **ED-209**, de **Robocop** (1987)
- **AUTO**, de **WALL-E** (2008)
- **Hal-9000**, de **2001: Uma Odisséia no Espaço** (1968)
- **Ultron**, de **Vingadores: A Era de Ultron** (2015)
- As **Máquinas** e os **Agentes**, de **Matrix** (1999)
- **Skynet**, de **Exterminador do Futuro** (1984)



ZUMBIS

O COLAPSO DA SOCIEDADE

PRADO



Entre todas as representações do apocalipse na cultura pop, poucas são tão persistentes e simbólicas quanto a dos zumbis. **George A. Romero**, criador do conceito de mortos-vivos no cinema, afirmou: **Meus zumbis são sobre a sociedade que devora a si mesma, sobre o consumismo, a alienação, o colapso das estruturas sociais.**



Os **zumbis** de **Romero**, em 1968



O apelo dos zumbis como metáfora está na sua capacidade de condensar múltiplos medos: a **pandemia** incontrolável, a **falência do contrato social**, a **perda da individualidade** e o medo da **morte sem transcendência**.



O zumbi representa a **existência desprovida de sentido**, a vida reduzida a pura persistência biológica. Assistimos a essas narrativas não porque queremos ver o mundo acabar, mas porque queremos nos perguntar **o que ainda permaneceria de humano depois do fim e se vale a pena sobreviver a qualquer custo.**



A Noite dos Mortos Vivos, de 1968



O zumbi é a figura do **sujeito sem subjetividade**. O corpo que continua movendo-se, mas sem saber o motivo. E a pergunta que a esse tipo de reflexão nos obriga a fazer é: estamos vivos ou apenas funcionando? Vivemos, de fato, ou apenas sobrevivemos?



E é justamente sobre isso que trata **O Último Amanhecer**, o filme produzido pela PRO e gravado pelos alunos do curso de **Cinema e Mídias Digitais da Faculdade Fastech**. Hoje, vamos assistir o trailer em primeira mão!



O Último Amanhecer, de 2025



Referências Bibliográficas:

Arendt, Hannah — Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal. Companhia das Letras, 1999.

Aristóteles — Poética. Século IV a.C.

Atwood, Margaret — In Other Worlds: SF and the Human Imagination. Virago, 2011.

Baudrillard, Jean — Simulacros e Simulação. Relógio D'Água, 1981.

Bauman, Zygmunt — Modernidade Líquida. Zahar, 2000.

Campbell, Joseph — O Herói de Mil Faces. Cultrix, 1949.

Clarke, Arthur C. — Perfis do Futuro. Aleph, 1962.

Durkheim, Émile — As Regras do Método Sociológico. 1895.

Foucault, Michel — Vigiar e Punir. Vozes, 1975.

Giddens, Anthony — The Consequences of Modernity. Polity Press, 1990.

Girard, René — Violence and the Sacred. Johns Hopkins University Press, 1972.

Harari, Yuval Noah — Homo Deus: Uma Breve História do Amanhã. Companhia das Letras, 2015.

Jenkins, Henry — Cultura da Convergência. Aleph, 2006.

Jung, Carl G. — Aion: Estudos sobre o Simbolismo do Si-mesmo. Vozes, 1951.

Le Breton, David — Antropologia do Corpo e Modernidade. Vozes, 2009.

Nietzsche, Friedrich — Além do Bem e do Mal. Companhia das Letras, 1886.

Sagan, Carl — Cosmos. Random House, 1980.

Sagan, Carl — Pale Blue Dot. Random House, 1994.

Shelley, Mary — Frankenstein; or, The Modern Prometheus. Lackington, Hughes, Harding, Mavor & Jones, 1818.

Žižek, Slavoj — Looking Awry: An Introduction to Jacques Lacan through Popular Culture. MIT Press, 1991.

Žižek, Slavoj — Living in the End Times. Verso, 2010.



Filmografia recomendada:

2001: Uma Odisseia no Espaço (1968) — Dir. Stanley Kubrick.

A Noite dos Mortos-Vivos (1968) — Dir. George A. Romero.

Black Mirror (2011–2019) — Criado por Charlie Brooker.

Blade Runner (1982) — Dir. Ridley Scott.

Filhos da Esperança (2006) — Dir. Alfonso Cuarón.

Dr. Fantástico (1964) — Dir. Stanley Kubrick.

Ex Machina (2014) — Dir. Alex Garland.

Frankenstein (1931) — Dir. James Whale.

Gattaca (1997) — Dir. Andrew Niccol.

Her (2013) — Dir. Spike Jonze.

Interstellar (2014) — Dir. Christopher Nolan.

Mad Max (1979) — Dir. George Miller.

O Dia Depois de Amanhã (2004) — Dir. Roland Emmerich.

O Exterminador do Futuro (1984) — Dir. James Cameron.

Jogador N1 (2018) — Dir. Steven Spielberg.

Robocop (1987) — Dir. Paul Verhoeven.

Star Trek: The Next Generation (1987–1994) — Criado por Gene Roddenberry.

O Livro de Eli (2010) — Dir. Albert e Allen Hughes.

O Conto da Aia (2017–presente) — Criado por Bruce Miller.

The Last of Us (2023) — Criado por Craig Mazin e Neil Druckmann.

A Estrada (2009) — Dir. John Hillcoat.

The Walking Dead (2010–2022) — Criado por Frank Darabont.

A Máquina do Tempo (1960) — Dir. George Pal.

Vingadores: Era de Ultron (2015) — Dir. Joss Whedon.

Vingadores: Guerra Infinita (2018) — Dir. Anthony e Joe Russo.

